

agosto de 2011

## **aula-teatro 10: *loucura*<sup>1</sup>**

**escrito por:** beatriz carneiro; cecilia oliveira; eliane carvalho; leandro siqueira.

**pesquisa:** acácio agosto; andre degenszajn; aline santana; beatriz carneiro; cecilia oliveira; edson passetti; eliane carvalho; gustavo ramus; gustavo simões; leandro siqueira; lucia soares; luíza uehara; salete oliveira; sofia osório; thiago rodrigues.

**escrito para:** acácio agosto; andre degenszajn; beatriz carneiro; cecilia oliveira; eliane carvalho; lucia soares; gustavo ramus; gustavo simões; salete oliveira; sofia osório.

**convidada:** talita vinagre (dança).

**ambientação:** edson passetti.

**(abertura)**

## **O Rei da Espanha**

*No hall de entrada do teatro circulam os loucos. O rei é vestido com um manto e cetro de luz fluorescente.*

**Gus-Rei** — “(...) o trono [da Espanha] está vago (...). Dizem que uma certa dona deve subir ao trono. (...) De jeito nenhum. Quem deve ocupar o trono é o rei. [Hoje, Martubro, dia 86. Entre o dia e a noite.] (...) Não havia como tirar da cabeça as notícias da Espanha (*rei começa a cantar ‘Touradas em Madri’ e Todos acompanham*). Como é que uma dona pode chegar a ser rainha? Isso não vai ser permitido. (...) Confesso que esses acontecimentos me deixam tão arrasado e transtornado que passei o dia todo sem conseguir me ocupar decididamente de nada. (...) passei a maior parte do tempo deitado na cama, matutando sobre os problemas da Espanha. (...). [Neste dia] não fui ao departamento. Que fique com o diabo! (...) Hoje é o dia da mais grandiosa festa! [Ano 2000. Dia 43 de abril.] A Espanha tem rei. (...) Confesso que me senti como se de repente um raio me houvesse iluminado. (...)”<sup>2</sup> Mavra! Mavra! Eu sou o rei de Espanha! Você nunca tinha visto o rei de Espanha. Felipe VIII ! Não vou te fazer mal! Não sinto nenhuma raiva pelo fato de você limpar muito mal minhas botas! Não sou o sanguinário Felipe II, entre mim e ele não há qualquer semelhança.

**Cecília-Mavra** — *QUE DIA É HOJE?*

*Todos os loucos se agitam diante do possível início da anamnese.*

“No entanto ainda não ousou apresentar-me à Corte. Até agora não chegou a deputação da Espanha. Sem deputados não é conveniente (...).

**Cecília-Mavra** — [Chegaram! Vamos entrar majestade!]

*Abrem-se as portas do teatro. O Rei, acompanhado por sua corte de loucos, entra no teatro seguido pelo público.*

**Gus-Rei** — Madri, 30 de fevereiro. Eis-me, na Espanha, e isso aconteceu com tanta rapidez que quase não me dei conta. Hoje pela manhã apareceram-me os deputados espanhóis e tomei a carruagem com eles. (...) Viajamos com tanta rapidez que em meia hora [, meia hora! Saímos de Petersburgo e] chegamos à fronteira espanhola. (...) País estranho essa Espanha: (...) na primeira sala, vi uma infinidade de pessoas de cabeças raspadas (...).[... São os soldados da corte...]

*Rei atravessa o corredor da sala, acompanhado da corte que segura sua capa.*

**Cabelo** — [Já para sua cadeira!]

**Bia** — (...) Fica aí sentado e, se disseres que és o rei Fernando, eu acabo com essa tua vontade (...).

**Gus-Rei** — [Que modos esquisitos esses do chanceler! Ah!] (...) lembrei de que se trata(va) de um costume da cavalaria [espanhola] aplicado a pessoas que assumem altos postos (...). [Agora vou] me dedicar a assuntos de Estado. Descobri que a China e a Espanha são exatamente o mesmo território e só por ignorância são considerados Estados diferentes (...).<sup>3</sup>

*Dirige-se à plateia.*

Peguem os papéis, peguem os papéis...pegaram? Agora escrevam a palavra Espanha. (*Aguarda que a plateia escreva*) O que está escrito?

**Todos** — Espanha.

**Gus-Rei** — NÃO! É China (*Tira do manto a palavra China*). *Pausa (o manto é tirado do Rei)*. “Dia 34 de fevereiro [do ano da graça de] 349. Não tenho mais forças para suportar. (...) O que eles estão fazendo comigo?! (...) Não dão atenção, não me vêem, não me ouvem. Que mal eu lhes fiz? Por que me maltratam? O que querem (...) de mim? O que lhes posso dar? Eu não tenho nada. (...) minha cabeça arde (...)”<sup>4</sup>. Socorro!”

**Acácio** — “Olham-se os quartos e Todos aqueles homens, muitas vezes moços, sem moléstia comum, que não falam, que não se erguem da cama (...), que se urinam. (...) Parece tal espetáculo com os célebres cemitérios de vivos que um diplomata brasileiro, (...) diz ter havido em Cantão, na China. (...) Nas imediações dessa cidade, um lugar apropriado de domínio público era reservado aos indigentes que se sentiam morrer. Dava-se-lhes comida, roupa, e o caixão fúnebre em que se deviam enterrar. Esperavam tranquilamente a Morte.

**Lili** — (...) aquelas sombrias vidas sugerem a noção [de que] em torno de nós, de nossa existência e a nossa vida, só vemos uma grande abóbada de trevas, de negro absoluto.

**Sofia** — (...) Não é mais o dia azul-cobalto e o céu ofuscante, não é mais o negror da noite picado de estrelas palpitantes; é a treva absoluta, é toda ausência de luz, é o mistério impenetrável e um *não poderás ir além* que confessam a nossa própria inteligência e o próprio pensamento.”<sup>5</sup>

**Leandro** — “Eu me chamo Jonas Prats. Jonas bíblico, que ficou na barriga de um grande cetáceo, de um grande peixe. Ficou três dias. Depois Deus lhe destinou um povo confuso... O que ele viu na barriga da baleia? (...) terror, dor, sofrimento. Ao fim de três dias seu corpo, sua pele sofria uma transformação química. Eu estou aqui como Jonas. Vejo dor, sofrimento. É diferente, porque Jonas estava na barriga da baleia, sem luz, (...) eu ainda vejo um pouco de luz, um pouco de sol. E eu também aqui sofro uma transformação química, sabe o que é? Um elemento se transforma no outro. Estou saturado. Pareço que não. Mas estou. Estou há quase sete anos aqui. Saturado.”<sup>6</sup>

**Sofia** — “Três meses depois, Jonas assassinou um outro preso no Manicômio Judiciário”.<sup>7</sup>

### **cena 1 — landscape**

**Lili-Alice** — “Que tipo de gente vive por aqui?”

(...) eu não quero ir parar no meio de gente maluca.

**Leandro** — Ah, mas não adianta nada você querer ou não. (...) Nós somos Todos loucos por aqui. Eu sou louco, [ele é louco] você é louca.

**Lili-Alice** — E como é que você sabe que eu sou louca? (...).

**Todos-coro** — [Acorda, Alice]!

**Leandro** — Bem, deve ser (...) ou então você não teria vindo parar aqui.”<sup>8</sup>

**Lili** — “Viajo para conhecer minha geografia”<sup>9</sup>.

## **cena 2 — ideia fixa**

**Acácio** — “Cuidado, rapaz! Tens a cabeça cheia de fantasmas, tens muitas obsessões!

**Bia** — “Imaginas coisas grandiosas e inventas todo um mundo de deuses à tua disposição, um reino de espíritos que te chama, um ideal que te acena.

**Todos-coro** — Tens uma ideia fixa! (...).

**Acácio** — E não penses que estou brincando ou falando por metáforas quando considero os homens presos a essa ideia do superior (...) como verdadeiros loucos, loucos de manicômio.

**Leandro** — O que é, afinal, uma ‘ideia fixa’?

**Acácio** — É uma ideia à qual uma pessoa se subjugou.

**Bia** — Se reconhecerdes nessa ideia fixa um sinal de loucura, meteis o escravo dela em um manicômio. (...)

**Acácio** — Toque-se na ideia fixa de um desses alienados, e quem o fizer terá imediatamente de se precaver contra a resposta traiçoeira desses loucos.

**Bia** — (...) Se um pobre diabo encerrado em um manicômio está dominado pela louca ideia de ser Deus-pai, o imperador do Japão, o Espírito Santo (...).

**Acácio** — (...) ou se um burguês acomodado imagina que seu destino é ser um bom cristão, um protestante crente, um cidadão leal, um homem virtuoso (...)

**Acácio e Bia** — ambas as coisas são uma e a mesma 'ideia fixa'".<sup>10</sup>

**Cecília** — Que dia é hoje?

**(parte I) — o louco, o anormal e o perigoso**

**cena 3 — nau dos loucos**

**Acácio** — A loucura estava "ligada (...) a todas as experiências maiores da Renascença. (...) [Dentre as figuras principais está]

**Todos** — a Nau dos Loucos,

**Acácio** — [O] estranho barco que desliza[va] ao longo dos calmos rios da Renânia e dos canais flamengos (...).

**Leandro** — A loucura e o louco tornam-se personagens maiores em sua ambiguidade: [de um lado], ameaça e irrisão, [o] vertiginoso desatino do mundo, e [de outro o] medíocre ridículo dos homens”.<sup>11</sup>

**Gus** — “(...) confiar o louco aos marinheiros é (...) evitar que ele ficasse vagando indefinidamente entre os muros da cidade, é ter a certeza de que ele irá para longe, é torná-lo prisioneiro de sua própria partida.

**Acácio** — (...) Fechado no navio, de onde não se escapa, o louco é entregue ao rio de mil braços, ao mar de mil caminhos.

**Leandro** — (...) a terra à qual [o louco] aportará não é conhecida, assim como não se sabe, quando desembarca, de que terra vem. Sua única verdade e sua única pátria são essa extensão estéril entre duas terras que não lhe podem pertencer.”<sup>12</sup>

#### **cena 4 — corpo útil**

**Sofia** — “a partir do século XVII (...), a existência de (...) pessoas [errantes e loucas] não foi mais tolerada.

**Bia** — Em resposta às exigências da sociedade industrial, criaram-se, quase simultaneamente, na França e na Inglaterra, grandes estabelecimentos para interná-los.

**Lili** — Não eram apenas os loucos que se colocavam neles; eram também os desempregados, os doentes, os velhos, Todos que não podiam trabalhar.”<sup>13</sup>



**Bia** —

“é dito: pelo chão você não pode ficar  
porque lugar de cabeça é na cabeça  
lugar de corpo é no corpo  
pelas paredes você também não pode  
pelas camas também você não vai poder ficar  
pelo espaço vazio você também não vai poder ficar  
porque lugar de cabeça é na cabeça  
lugar de corpo é no corpo.”<sup>14</sup>

**Sofia** —

“Eu estava com saúde  
Adoeci  
Eu não ia adoecer sozinha não  
Mas eu estava com saúde  
Estava com muita saúde  
Me adoeceram  
Me internaram no hospital  
E me deixaram internada  
E agora eu vivo no hospital como doente  
O hospital parece uma casa  
O hospital é um hospital”<sup>15</sup>

**Gus** — “(...) o hospital psiquiátrico tem uma função muito mais simples (...) dar realidade à loucura, abrir à loucura um espaço de realização.”<sup>16</sup>

*Sofia e Cecília cantam:*

“Passarinho na gaiola fez um buraquinho

Voou, voou, voou, voou

E a menina que gostava tanto do bichinho

Chorou, chorou, chorou, chorou”<sup>17</sup>

### **cena 5 — Dottore del buco del culo e os inclassificáveis**

*Quatro homens e uma mulher estão imóveis empalhados, duas pupilas de Cesare Lombroso, os arrumam para a chegada do professor. Este entra com uma sonoridade cômica ao fundo. Lombroso é uma figura disforme.*

**Cecília-Lombroso** — Há tantas rebeliões pela Europa nesse nosso fim de século XIX... Ah! Que belo trabalho de coleta fizeram. Excelentes exemplares de degenerados aqui estão! Primeiro, o sífilítico [Leandro]; segundo, a prostituta-histórica [Lili]; temos também o batedor de carteiras homossexual [Gus] e o onanista [Acácio]!

**Bia** — Conseguimos exemplares em que se comprovam que os distúrbios sexuais demonstram a inadequação a uma vida decente em família, ... associada ao desrespeito à propriedade e ao trabalho honesto.

**Cecília-Lombroso** — Excelente! As anomalias sexuais agora são também alvo de nossa ciência... Ah! E o louco, o anarquista [andre]!

**Sofia** — “A antropologia [criminal] parece nos dar os meios de diferenciar a verdadeira revolução, sempre fecunda e útil, da sublevação, da rebelião, que é sempre estéril.”<sup>18</sup>

**Cecília-Lombroso** — De fato! É “possível provar que os movimentos [de rebeldia] atuais são obras de homens pertencentes a uma classe biologicamente, anatomicamente, psicologicamente, psiquiatricamente desviante”! <sup>19</sup>

**Gus** — “Os grandes revolucionários (...) Mazzini, Garibaldi, Gambetta, Charlotte Corday e Karl Marx, (...) [são] quase Todos santos e gênios, e (...) [tem] uma fisionomia maravilhosamente harmoniosa. (...)”

**Acácio** — [Mas, olhando] as fotos de (...) anarquistas de Paris, percebe-se que 31% (...) tinham estigmas físicos graves. Em cem anarquistas detidos em Turim, 34% não tinham a fisionomia (...) harmoniosa (...)

**Lili** — o que é um sinal de que o movimento político que eles representam é um movimento que merece ser historicamente e politicamente desqualificado, pois que já é fisiologicamente e psiquiatricamente desqualificado”. <sup>20</sup>

**Cecília-Lombroso** — Muito bem! Salvo pouquíssimas exceções, como o príncipe Kropotkin, Reclus, Ibsen, é certo que os autores mais ativos da ideia anárquica são loucos ou criminosos, ou ambos ao mesmo tempo. Nunca vi nenhum anarquista com o rosto simétrico, e não lhes falta outra marca dos criminosos natos: a tatuagem.

**Sofia e Bia** — É preciso acabar com essa corja, na força!

**Sofia e Bia** — Na guilhotina.

**Cecília-Lombroso** — Calmaaaa, minhas discípulas. Os anarquistas na sua maioria são loucos, e para os loucos não é preciso a força, nem a prisão, mas o manicômio.<sup>21</sup>

*Lombroso e as discípulas ficam imobilizados, o anarquista e os demais saem do grupo de empalhados:*

**Andre** — Foi esse tipo de descrição, esse tipo de análise, esse tipo de desqualificação que a psiquiatria, assumiu. Entre 1840 e 1870-1875, vemos constituírem-se três novos referenciais para a psiquiatria:

**Gus** — Um referencial administrativo, sobre um fundo de ordem coercitiva;

**Lili** — um referencial familiar, que recorta a loucura sob um fundo de sentimentos, de afetos e de relações obrigatórias;

**Acácio** — um referencial político que isola a loucura sobre um fundo de estabilidade e de imobilidade social.<sup>22</sup>

*Os anormais atacam Lombroso.*

### **cena 6 — pele**

**Lili** —

“ — Se você não parar quieta, minha filha...

— ?

— Tá vendo aquela chaleira de água pelando?”<sup>23</sup>

**Acácio** — “Ele confisca a chupeta da filha, que se consola sugando os pequeninos dedos.

**Gus** — Ah, é? Não aprende?

**Acácio** — E o pai queima com a brasa do cigarro Todos os dedinhos.”<sup>24</sup>

**Bia** — “Um pai de família, querido e famoso fazia décadas por seu dito *sensu familiar extraordinário* e que, num sábado à tarde, quando por certo o tempo estava muito abafado, matou quatro de seus seis filhos, justificou-se [assim] no tribunal:

**Acácio** — os filhos se tornaram demais para mim<sup>25</sup>”.

**Bia** — “Os homens queriam que ele contasse (...)

**Sofia** — Wagner se negava a responder, alegando não saber de nada (...)

**Leandro** — Falava gesticulando com as mãos perto do rosto. Isso se prolongou por toda uma noite.

**Bia** — Amanhecia, quando chegou um delegado de cara brava, olhos verdes e que falava gritando (...). Era tratado por delegado Flores. (...)

**Leandro** — [Wagner] (...), desesperado, pedia que não batessem mais nele e que o delegado não o matasse, fazendo sua aflitiva mímica com as mãos.

**Sofia** — O delegado gritou (...):

**Cecília** — [Pare com esses movimentos! Me deem uma machadinha] (...)

**Bia** — O homem de olhos verdes pegou a machadinha e gritou que ele parasse de mexer as mãos. Mas Wagner não conseguia (...)

**Cecília** — [Pare de se mexer... não vai parar?]

**Sofia** — Então o delegado agarrou-o pelos braços, primeiro o direito e depois o esquerdo, e com duas machadadas decepou-lhe as mãos.

**Leandro** — A partir desse dia, Wagner ficaria mudo, depois de contida a hemorragia num hospital militar, foi internado num sanatório para loucos<sup>26</sup>.

**Acácio** — “As marcas de (...) [décadas] de repressão estão por aí e por desídia, muitos a ignoram. Durante os chamados anos de chumbo, os militares perseguiram, prenderam, torturaram e mataram, pensando quebrar a resistência de jovens subversivos que faziam agitação política e terrorismo para derrubar o governo dos militares. Não conseguiram.

**Lili** — Alguns poucos não suportaram e, antes de dobrarem, suicidaram-se. Outros resistiram e ficaram com as marcas no corpo e a dor da perda de amigos e parentes queridos, fazendo delas combustível para a luta.”<sup>27</sup>

### **cena 7 — emoção de lidar**

*Saete fala da plateia.*

**Salete** — “Os meus grandes mestres são os doentes. O que eles dizem tem uma importância muito grande. Em vez de dizermos ‘terapia ocupacional’ que é pesado como um paralelepípedo, a pessoa [quase] tem vontade de agredir (...) quando usa essa expressão, vamos usar essa [outra] expressão tão sutil e tão rica que é a *emoção de lidar*.”<sup>28</sup>

### **cena 8 — rita rovira**

*Doutor Freud [Andre] e Rita Rovira {desdobrada em Lili e Acácio}*

**Lili** — “Era conveniente para mim que o doutor pensasse coisas desse tipo,

**Acácio** — porque me interessava ficar no sanatório, mas não me fazendo de

**Lili** — louca o tempo todo, que é uma coisa incômoda, além de chata

**Acácio** — e complicada, (...) optei por uma fórmula intermediária, ou

**Lili** — seja, comportar-me como uma pessoa sensata, que, às vezes, como todo mundo

**Acácio** — se extravvia. Confiei que assim,

**Lili** — misturando loucura e sensatez, conseguiria manter

**Acácio** — o doutor em suspenso, hesitando

**Lili** — em um diagnóstico incerto,

**Acácio** — o que me permitiria ganhar tempo,

**Lili** — para poder ficar no sanatório e localizar

**Lili e Acácio** — minha amiga Rita Rovira,

**Lili** — que era o que me interessa(va).

**Acácio** — que era [é] o que me interessa(va).

**Lili** — (...) enquanto eu não senti[a] mais do que indiferença absoluta pelo mundo, achando-o sempre cinza e me limitando a passar por ele na ponta dos pés e escondendo, em lugar de exibir, meu profundo mal-estar e meu tédio,

**Acácio** — Rita, ao contrário, sempre se divertiu — grande mistério! — colecionando ou roubando carros esportivos, jóias hindus, e, sobretudo, maridos, arruinando-os com sua tendência atarantada para o jogo e, especialmente, com sua grande e incrivelmente envolvente —

**Acácio e Lili** — daí minha secreta admiração — vitalidade.”<sup>29</sup>

**Acácio** — Rita?

**Lili** — Ritaaaa!



**Acácio** — “(...) eu tinha ido a esse manicômio precisamente buscando a confirmação de uma grande suspeita: a de que a solidão

**Lili** — é impossível, pois está povoada de fantasmas. E eu tinha ido a esse manicômio precisamente buscando esse momento único que, após ser guiada por uma obscura, mas certa

**Acácio** — intuição tinha acabado por encontrar na intensidade e na agitação do olhar de minha amiga mais terna,

**Lili** — mais louca e

**Acácio** — mais inseparável (...).

**Lili** — Fui ao consultório do doutor Freud e me despedi dele:

*Dirigem-se até doutor Freud.*

**Acácio** — ‘Vim ver minha amiga Rita Rovira, e...

**Lili** — e já a vi, de modo que estou indo.”<sup>30</sup>

**Lili e Acácio** — tchau...

**Andre-psiquiatra** — “Aqui não há nenhuma Rita Rovira. Essa tal amiga é invenção sua [sua]!”<sup>31</sup>

*Ao mesmo tempo, as duas saem rindo.*

**Bia** — “A psiquiatria, em sua história, não nos parece ter se constituído em torno do conceito de loucura, e sim, ao contrário, no ponto onde esse conceito tinha dificuldades de aplicação. A psiquiatria chocou-se, de fato, com o problema dos delírios sem déficit intelectual. (...)”

**Sofia** — [O psiquiatra] é tomado na dissociação do conceito de loucura: é acusado de tratar como louco pessoas que não o são exatamente, e de não ver a tempo a loucura de outras que o são efetivamente.

**Leandro** — A psicanálise se imiscuiu entre esses dois pólos, dizendo, a um só tempo, que éramos Todos loucos sem parecer, mas também que parecíamos loucos sem o ser.”<sup>32</sup>

*Da plateia, Salete.*

**Salete** — “Talvez, um dia, não saibamos mais muito bem o que pode ter sido a loucura. Sua figura terá se fechado sobre ela própria, não permitindo mais decifrar os rastros que ela terá deixado.”<sup>33</sup>

*Talita dança sozinha no palco.*

**(parte II) — controles, capturas e incapturáveis**

**cena 9 — Novos controles**

*Todos no palco e se movimentam dentro de um elástico, impulsionado para diversas direções.*

**Acácio** — “Encontramo-nos numa crise generalizada de Todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família.

**Gus** — (...) mas Todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo.

**Bia** — São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares.

**Acácio** — Formas ultra-rápidas de controle ao ar livre substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado.”<sup>34</sup>

**Lili** — “Prepara-se o definhamento do asilo ao se propor uma ‘psiquiatria de setor’ fora dos muros do asilo,

**Gus** — uma psiquiatria aberta, múltipla, facultativa que, em vez de deslocar e isolar os doentes, os deixaria em seu lugar, em seu ambiente[, na comunidade].

**Bia** — Mas, estaremos nós em ruptura com a psiquiatria do século XIX e com o sonho que ela trazia?

**Acácio** — O ‘setor’ não seria um outro modo, mais maleável, de fazer funcionar a medicina mental como uma higiene pública, presente por toda parte e sempre pronta a intervir?”<sup>35</sup>

**Lili** — “Na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais dia, o atendimento a domicílio puderam marcar de início novas liberdades,

**Gus** — mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos”<sup>36</sup>.

**Acácio** — “Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições.

**Gus** — (...) não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.”<sup>37</sup>

*Livres do elástico e armados, dançam pela palco, até o final de música.*

### **cena 10 — moderados**

*Todos sentados em redor do palco. Cecília em pé.*

**Cecília** — “Caboclo do alto da serra, seu grito é de paz ou guerra?”<sup>38</sup>

**Todos** — paaaaaaaaaaaaaz!

*Os que estão sentados abrem o jornal e simulam leitura. Entra Leandro.*

**Leandro** — “Não devemos nos preocupar tanto conosco, com o nosso eu, pois dizem que a consciência é simplesmente uma neuroquímica que logo conheceremos!”<sup>39</sup>

*Todos se levantam e preparam-se para inauguração do CAPS para os normais.*

### **cena 11 — CAPS para normais e a normalização do normal**

*Duas apresentadoras [Sofia e Lili] ao microfone interagem com a câmera e com os demais; jornalista [Acácio] tira fotos; autoridade pública [Bia] corta a fita de inauguração, atendido do CAPS [Leandro] comemora a inauguração e um trio [Cabelo, Cecilia e Gus] toca um sambinha. Talita samba ao fundo. Estamos em cerimônia de inauguração.*

**Sofia** — Jamais imaginamos que os centros de atenção psicossocial, os CAPS, teriam um papel tão importante para nossa sociedade.

**Lili** — Eles já nasceram para trazer mais saúde mental para as comunidades, são muito diferentes dos manicômios que só cuidavam de doentes mentais.

**Sofia** — Para quem não gosta de internamentos, ou de medicalização, também temos alternativas:

**Lili** — Explore sua criatividade ao máximo com terapias baseadas na arte, na cultura, no teatro, na dança, na música e meditação.

**Sofia** — Hoje inauguramos o CAPS para normais. É uma data histórica na democrática prevenção da loucura.

**Lili** — No CAPS/N , todos têm direito ao gratuito acompanhamento edu-neuro-científico, graças às políticas públicas, adotadas em comum acordo com as diretrizes da organização planetária de saúde mental.

**Sofia** — É Mais felicidade, mais tranquilidade, é mais ...

**Todos** — qualidade de vida!

**Sofia** — Afinal, quem não quer ser normal?

**Todos** — quem não quer ser normal?

*As pessoas saem da bolacha, pegam seus celulares e laptops e sentam-se novamente para consultá-los.*

**Bia** — “A sociedade de controle não suporta resistências contínuas e pretende dissolvê-las pelas práticas da inclusão e por ampliação de penalidades, próprias dos controles jurídicos, policiais e normalizadores.

**Acácio** — Se na sociedade disciplinar havia o sistema de recompensas reforçando o consenso sobre a aplicação de punições, na sociedade de controle os fluxos de penalidades se expandem para normalizar os normais, provocando o apreço pelos controles e abjuração a qualquer desvio.”<sup>40</sup>

## **cena 12 — intransferível**

*Todos em pé.*

**Cecília** — Caboclo do alto da serra, seu grito é de paz ou guerra?<sup>41</sup>

**Todos** — Guerra!

**Gus** — “eu: pronome pessoal e intransferível. viver: verbo transitório e transitivo, transável, conforme for. a prisão é um refúgio: é perigoso acostumar-se a ela.”<sup>42</sup>

**Bia** — “A história do desaparecimento do sujeito no ocidente não começa com o nascimento do sujeito nem termina com sua morte,

**Acácio** — mas é a história de como as tendências do sujeito ocidental a se autoafirmar como fundamento o conduzem a uma estranha vontade de autoaniquilação,

**Leandro** — e de como essas tentativas *suicidas* são por sua vez esforços para a afirmação do eu”.<sup>43</sup>

### **cena 13 — sociedade infecta**

*Gus sentado na frente do palco está Gus; Lili rodopia ao fundo do palco.*

**Gus** — “(...) uma sociedade infecta inventou a psiquiatria, para defender-se das investigações feitas por algumas inteligências extraordinariamente lúcidas, cujas faculdades de adivinhação a incomodavam.”<sup>44</sup> Eu, Antonin Artaud, escrevo uma carta aos médicos-chefe dos manicômios: “Senhores, (...) quantas são as [vossas] tentativas nobres de chegar ao mundo cerebral onde vivem

tantos dos vossos prisioneiros? Quantos (...) [dos senhores] acham que o sonho do demente (...), as imagens pelas quais ele é possuído, são algo mais que uma saladinha de palavras?"<sup>45</sup>

*Lili se arrasta até chegar ao lado de Gus.*

**Lili** —

“Olha quantos estão comigo

Estão sozinhos

Estão fingindo que estão sozinhos

Pra poder ficar comigo”<sup>46</sup>

#### **cena 14 — Irremediável**

*Acácio e Gus conversando na frente do palco.*

**Acácio** — “Tudo que chega fácil vai embora fácil, teria gostado de lhe dizer, sempre fui um anticapitalista convicto, mas não disse, porque vi sua cara de tristeza e porque o pobre homem parecia cansado. Conversamos por um bom tempo. Creio que falamos do tempo e da linda paisagem que se vê do hospício. Ele dizia:

**Gus** — ‘Eu preciso contar a você.’

**Acácio** — (...) ‘O que você queria me contar, Álvaro?’. (...)

**Gus** — ‘O prêmio Laura Damián acabou.’



**Acácio** — Gostaria de ter perguntando por quê, mas pensei que muita gente, principalmente aqui, tem muitas coisas a me dizer e que esse impulso de comunicabilidade é algo que geralmente me escapa, mas que aceito sem reservas, totalmente, não se perde nada por ouvir. Álvaro Damián foi embora, e vinte dias depois minha filha veio me visitar (...)

**Gus** — ‘... Papai, eu devia lhe dizer isso mas acho que é melhor que você saiba.

**Acácio** — (...) ‘Conte, conte, sou todo ouvidos’. (...)

**Gus** — ‘Álvaro Damián deu tiro na cabeça.’

**Acácio** — ‘Mas como Alvarito pôde fazer semelhante barbaridade?’.

**Gus** — ‘Os negócios dele iam mal, estava arruinado, já tinha perdido quase tudo.

**Acácio** — ‘Mas podia ter vindo para o hospício também’. (...)

**Gus** — ‘... As coisas não eram tão fáceis assim.’

**Acácio** — Quando ela foi embora, eu fiquei pensando em Álvaro Damián, e no prêmio Laura Damián que tinha acabado, e me Todos os loucos de El Reposo, aqui ninguém tem onde descansar a cabeça, e no mês de abril, mais do que cruel, desastroso, e então soube sem sombra de dúvida que tudo iria de mal a pior.”<sup>47</sup>

*Todos vão para fundo do palco e formam pares. Cada dupla carrega o seu par até a frente da bolacha. Provocam a platéia, sensualmente, até deitarem-se no chão, despojados.*

**(epílogo)**

**cena 15 — antes do fim**

**Sofia** — “Entre o final da 2ª Guerra Mundial e a derrocada do socialismo soviético na década de 1980, no vaivém dos intrigantes movimentos de contestação, defesa de direitos e reformas das instituições austeras,

**Gus** — a punição aos chamados comportamentos criminosos foi ampliada por meio da combinação de sentenças de encarceramentos em prisões — com planejada segurança eletrônica — e medidas alternativas de punição e vigilância aplicadas a céu aberto.

**Lili** — Foi assim [também] no âmbito do controle da loucura como doença mental: abandonou-se, gradativamente, o manicômio em função da medicação em unidades de atendimento ambulatorial descentralizadas.

**Acácio** — Inaugurou-se, para o crime e para loucura, a era das soluções *alternativas*, redesenhando e normalizando as contestações radicais advindas dos movimentos libertários antipsiquiátricos e pelo fim das prisões, dos quais, inclusive, emergiu o abolicionismo penal.

**Leandro** — O refluxo conservador dos anos 1980 em diante levou não só a uma desconstrução desses movimentos contestadores como também à captura de

grande parte das suas *lideranças*, renomeando-os como luta anti-manicomial e por uma justiça penal alternativa, incluindo a Todos na utopia do fim das impunidades.

**Bia** — A normalização *moderadora* mostrou sua força, readequando os contestadores, capturando suas energias políticas e reiterando que a relação doença social-cura (da pessoa, dos grupos e da sociedade) depende das ciências médicas, das ciências humanas com seus diagnósticos, relatórios e prognósticos, da reforma moral pelo trabalho e religião, e também de dispositivos eletrônicos de controle (...).<sup>48</sup>

*Todos se levantam e saem. Ficam apenas Acácio e Gus em pé no palco.*

### **cena 16 — amigos**

**Acácio** — “Na noite em que (...) conheceu[i] [Vincent Van Gogh,] o holandês louco, (...) [ele me felicitou]

**Gus** — ‘Vi (...) seus quadros da Martinica. Formidáveis! Não foram pintados com o pincel, mas com o falo.

**Acácio** — Dois dias depois, Vincent (...) [foi] à casa (...) onde (...) [eu] estava hospedado (...). O holandês louco contemplou os quadros de Todos os ângulos e sentenciou:

**Gus** — ‘Esta é a grande pintura, sai das entranhas, do sangue, como esperma do sexo’.

**Gus** — (...) ‘Eu também quero pintar meus quadros com meu falo ensina-me como’.

*Os dois amigos se abraçam. As duas amigas entram abraçadas.*

**Lili** — Assim começou sua amizade (...)”.<sup>49</sup>

**Bia** — Depois eles quase se mataram... de verdade!

**Lili** — É...

**Bia** — É...

### **cena 17 — charme e loucura**

*Palco à meia luz. Da plateia: Lucia, Salete, Andre e Aline.*

**Lucia** — “Por que se é amigo de alguém? para mim, é uma questão de percepção...

**Salete** — há uma percepção do charme.

**Andre** — Ser amigo é ver a pessoa e pensar: ‘O que vai nos fazer rir hoje?’. ‘O que nos faz rir no meio de todas essas catástrofes?’

**Aline** — As pessoas só têm charme em sua loucura, eis o que é difícil de ser entendido.

**Salete** — O verdadeiro charme das pessoas é aquele em que elas perdem as estribeiras, é quando elas não sabem muito bem em que ponto estão.

**Lucia** — Não que elas desmoronem, pois são pessoas que não desmoronam.

**Andre** — Mas, se não captar aquela pequena raiz, o pequeno grão de loucura da pessoa, não se pode amá-la. Não pode amá-la.”<sup>50</sup>

*Cabelo toca uma pequena marimba, Todos se aproximam do placo e paulatinamente vão em direção da plateia ao transcorrer da poesia.*

### **malas companhias**<sup>51</sup>

**Gus** — Meus amigos são uns vagabundosExibem-se sem pudor, bebem aos montes

Não dão bolas para instruções

E zombam de questões importantes.

**Acácio** — Meus amigos são uns sem vergonhas

Que apalpam o traseiro das senhoras

Que espiam pelas fechaduras dos banheiros

E são postos a pontapés fora das festas.

**Leandro** — Meus amigos são uns folgados

Que mijam no meio dos caminhos

Respondem sem que lhes perguntem

E apostam sem ter dinheiros.

**Gus** — Minha santa mãe Dizia:

**Todos** — “Cuidado, Juanito, com as más companhias”

**Bia** — Por isso é que meus amigos

Os meço com uma vara lisa

E os tenho muito queridos,

E são o melhor de cada casa.

**Sofia** — Meus amigos são uns malfeitores,

Convictos de apanhar sonhos no ar

Que aplaudem quando o sol nasce

E me abrem seus corações como as flores.

**Lili** — Meus amigos são sonhos imprevistos

Que buscam suas pedras filosofais,

Vagando por sórdidas periferias

Onde descem os deuses sem serem vistos.

**Todos para plateia** — Meus amigos são pessoas atenciosas

Que acodem quando sabem que eu espero

Se lhes roça a morte, disfarçam.

Pois para eles a amizade vem primeiro.

**Gus** — O trono está vago. Não há mais trono.

**FIM**

---

<sup>1</sup> Aula-teatro 10 do Nu-Sol. Pesquisa: Acácio Augusto, Aline Santana, Anamaria Salles, Andre Degenszajn, Beatriz Scigliano Carneiro, Cecília Oliveira, Edson Passetti, Eliane Knorr, Gustavo Ramus, Gustavo Simões, Heliana Conde (convidada), Leandro Siqueira, Lucia Soares, Luíza Uehara, Salete Oliveira, Sofia Osório e Thiago Rodrigues. Apresentações em 17 e 18 de outubro de 2011, no teatro Tucarena, PUC-SP. Não havendo personagens em aula-teatro optou-se por manter os nomes e apelidos dos pesquisadores em cena: Acácio Augusto, Andre Degenszajn, Beatriz Scigliano Carneiro (Bia), Cecília Oliveira, Eliane Knorr (Lili), Gustavo Ramus (Cabelo), Gustavo Simões (Gus), Leandro Siqueira, Lucia Soares, Luíza Uehara, Salete Oliveira, Sofia Osório e Talita Vinagre (convidada). Produção Gráfica: Andre Degenszajn. Música em cena: composição e execução Gustavo Ramus. Iluminação: Wagner Antônio (convidado). Sonofonia: Vitor Osório (convidado). Preparação corporal: Talita Vinagre (convidada). Instalação eletrônica e acompanhamento de luz: Luíza Uehara. Coordenação: Edson Passetti.

<sup>2</sup> Nikolai Gogol. "Diário de um louco" in *O capote e outras histórias*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2010, pp. 63-65.

<sup>3</sup> Idem, pp. 68-69.

<sup>4</sup> idem, p. 72.

<sup>5</sup> Lima Barreto. "O cemitério dos vivos" in Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura (org.). *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*. São Paulo, Cosac Naify, 2010, pp. 210-212.

<sup>6</sup> Depoimento de Jonas, Caderno de notas de Beatriz S. Carneiro sobre uma visita ao Manicômio Judiciário de Franco da Rocha-SP, 10/11/1983.

<sup>7</sup> Anotação marginal. Caderno de notas de Beatriz S. Carneiro sobre uma visita ao Manicômio Judiciário de Franco da Rocha-SP, 10/11/1983.

<sup>8</sup> Lewis Carrol. *Alice no país das maravilhas*. Tradução de Nicolau Sevckenko. São Paulo, Cosac Naify, 2009, p.75.

<sup>9</sup> Enrique Vila- Matas. *Suicídios exemplares*. Tradução de Carla Branco. São Paulo, Cosac Naify, 2009, p. 11.

<sup>10</sup> Max Stirner. *O único e a sua propriedade*. Tradução de João Barrento. São Paulo, Martins Fontes, 2009, pp. 58-63.

<sup>11</sup> Michel Foucault. *História da loucura na idade clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo, Perspectiva, 1987, pp. 8-14.

<sup>12</sup> Idem, pp. 11-12.

<sup>13</sup> Michel Foucault. "A loucura e a sociedade" in *Ditos & escritos I: problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Manoel Barros da Motta (org). Tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro, Forense, 2006, p.261.

<sup>14</sup> Stela do Patrocínio. *Reino dos bichos e dos animais é meu nome*. Viviane Mosé (org). Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2001, p. 52.

<sup>15</sup> idem, p. 51.

<sup>16</sup> Michel Foucault. *O poder psiquiátrico*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2006, pp. 322-323.

<sup>17</sup> Cantiga de domínio público.

<sup>18</sup> Idem, p. 194.

<sup>19</sup> Michel Foucault. *Os anormais*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2002, p. 194.

<sup>20</sup> idem

<sup>21</sup> Adaptado de César Lombroso *Los anarquistas*. Segunda edición cibernética, Setembro 2006. Captura y diseño: Chantal López y Omar Cortés. Disponível em: [http://www.antorcha.net/biblioteca\\_virtual/derecho/lombroso/10.html](http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/derecho/lombroso/10.html)

<sup>22</sup> Michel Foucault, 2002, op. cit., pp. 176-194

<sup>23</sup> Dalton Trevisan. "Água pelando" in *A desgraçada*. Rio de Janeiro, Record, 2010, p.145.

- 
- <sup>24</sup> Dalton Trevisan. "A chupeta" in 2010, op. cit., p. 53.
- <sup>25</sup> Thomas Bernhard. "Demais" in *O imitador de vozes*. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.44.
- <sup>26</sup> Roberto Freire. *Os cúmplices*. São Paulo, Sol & Chuva, 1996, p.181.
- <sup>27</sup> Acácio Augusto. *Cartas intactas: a força que a prisão não aniquila*. Texto da exposição Memórias da Ditadura e a Coragem da Verdade: Correspondências de presos políticos. Museu da Cultura PUC-Nu-Sol – Grupo Tortura Nunca Mais - PUCSP 12 de abril – 14 de maio 2010.
- <sup>28</sup> Edson Passetti. *Nise*. Vídeo documentário. São Paulo, Fundação Cultural São Paulo/Faculdade de Ciências Sociais PUC-SP, 1992, 58 minutos.
- <sup>29</sup> Enrique Vila-Matas, 2009, op. cit., p. 135-136.
- <sup>30</sup> Idem, p. 143.
- <sup>31</sup> idem.
- <sup>32</sup> Gilles Deleuze e Claire Parnet. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo, Escuta, 1998, pp. 100-101.
- <sup>33</sup> Michel Foucault. "A loucura, ausência de obra" in Michel Foucault, 2006, op.cit., p. 210.
- <sup>34</sup> Gilles Deleuze e Claire Parnet. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo, Escuta, 1998, pp. 100-101.
- <sup>35</sup> Michel Foucault, 2006, op. cit., pp. 322-323.
- <sup>36</sup> Gilles Deleuze. "Post Scriptum das sociedades de controle" in *Conversações: 1972-1990*. Tradução de Peter Pál Pélbart. São Paulo, Ed. 34, 1992, pp. 219-220.
- <sup>37</sup> Idem.
- <sup>38</sup> Grito de guerra do folgado caboclinhos, casa 7 flechas, domínio público
- <sup>39</sup> Enrique Vila-Matas. *Doutor Pasavento*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo, Cosac Naify, 2009, p. 115.
- <sup>40</sup> Edson Passetti. "Poder e anarquia. Apontamentos libertários sobre o atual conservadorismo moderado" in *Revista Verve*, vol. 12, Nu-Sol, 2007, p. 28.
- <sup>41</sup> Grito de guerra do folgado caboclinhos, casa 7 flechas, domínio público
- <sup>42</sup> Torquato Neto. *Torquatália: do lado de dentro*. Rio de Janeiro, Rocco, 2004, p. 324.
- <sup>43</sup> Enrique Vila-Matas. *Doutor Pasavento*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo, Cosac Naify, 2009, op. cit., p. 367.
- <sup>44</sup> Antonin Artaud. *Van Gogh, suicidado pela sociedade*. Tradução de Fred Teixeira. Disponível em: < <http://www.overmundo.com.br/banco/antonin-artaud-van-gogh-suicidado-pela-sociedade> > .
- <sup>45</sup> Antonin Artaud. "Carta aos Médicos-chefes dos Manicômios" in *Escritos de Antonin Artaud*. Coleção Rebeldes Malditos, nº 5. Tradução de Cláudio Willer. Porto Alegre, L&PM, 1983, p. 30.
- <sup>46</sup> Stela do Patrocínio, 2001, p. 65.
- <sup>47</sup> Roberto Bolaño. *Os detetives selvagens*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, pp. 309-310 e 381.
- <sup>48</sup> Edson Passetti. "Poder e anarquia. Apontamentos libertários sobre o atual conservadorismo moderado" in *Revista Verve*, vol. 12, Nu-Sol, 2007, pp. 15-16.
- <sup>49</sup> Mario Vargas Llosa. *O paraíso na outra esquina*. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo, Arx, 2006, pp. 76-80.
- <sup>50</sup> Gilles Deleuze. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Paris: Montparnasse, 1988-1989 Transcrição disponível em: <http://www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze>.
- <sup>51</sup> Juan Manuel Serrat, "Las malas compañías" (Tradução de Edson Passetti).